ANO 6.º — Sexta-feira, 1 de Agosto de 1913 — NUMERO 282

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Año (Portugal e colónias)	Esc. 1,20
Semestre	» 0,60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	» 2,50
Avulso	» 0,02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 centavos

Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Eleições

—((*))—

Com a iniciação dos trabalhos do recenseamento eleitoral, principiou, póde-se dizer, uma nova época para a vida da nação tal o entusiasmo e a azáfama que se nota por toda a parte onde teem de ser disputadas candidaturas e os republicanos se esforçam por fazer vingar as que dizem respeito aos partidos em que se acham filiados.

E' animador este começo de entrada na normalidade constitucional. O país precisava, realmente, de mostrar que não receia as eleições, assim como jámais se perburbou com tolas ameaças dos inimigos do regimen que não tendo força nem coragem para sustentar a monarquia a deixáram baquear quasi ao abandono, sem um gésto de defêsa, para só mais tarde virem apresentar-se e dizer que não, que a Republica não tem direito a subsistir em Portugal sem contudo apresentarem razões convincentes, motivos que justifiquem semelhante asserção.

As eleições vão ter, pois, no momento atual, esta grande, enorme vantagem: vão desmentir duma maneira inilúdivel as falsidades propaladas, com o fim de lançárem o nosso descrédito, por esses que de portuguêses apenas teem o nome faltando-lhes a sinceridade, a independencia de caracter, o patriotismo.

Saiba o govêrno corresponder aos sacrificios dos velhos lutadores da democracia não pactuando com imoralidades nem transigindo com falsos adeptos, que só o comprométem e exploram, e verá como o país se pronuncia fazendo resaltar das urnas a prova da sua fidelidade ás novas instituições politicas.

Felizmente ainda nem tudo é podridão...

FILMS...

Em familia

Transcrevemos da *Lucta*, secção *Ècos*:

«Adoeceu-lhe a sogra, e êle, como era medico, foi para junto déla, coitadinha, prestar-lhe os seus cuidados. Como além de medico era genro, a doente, coitadinha, foi peorando, peorando, até que Deus nosso Senhor, condoído de tanto sofrimento, completou a cura, levando-a para a sua santissima vista. E vai então o medico, fezendo de conta que não era genro, apresentou a sua conta, uns poucos de milhares de francos. Foi o caso para os tribunaes. Ponderando que na verdade o medico prestára serviços, mas que o genro é que lucrára com êles, visto a mulhersinha ter morrido, os juizes negaram o pagamento. Donde se conclue que ainda ha juizes... em Françа.»

Ora aqui está uma carapuça que até parece talhada para um cérto *esculapio* que nós cá sabemos e que a respeito de escrupulos, quando se trata de dinheiro, é pelo menos tão honrado como o colléga francês...

Em toda a parte os ha...

E que volta?

Segundo o chefe *evolucionista*, que ha dias escreveu um artigo, no jornal de que é director, *Republica*, sobre o caso das bombas, o sr. dr. Afonso Costa *é um homem banal, sem ideias, um estadista estéril sem soluções e um homem voluvel sem principios.* Assim uma espécie de *idolo de barro, feito em cacos*...

Por este andar profetisâmos que dentro em pouco isto está muito peor que no tempo da *outra senhora*... E' uma questão de continuarem as arranhadélas...

Os taes...

O sr. Alpoim depois de se queixar amargamente, numa das suas cartas para o *Janeiro*, da carêsa da fruta em Lisboa, propõe-se por fim a tratar dum bocado de politica e sobre êsse assunto escreve:

. . . .

«Mas, que dizer? Muitas alegrias por causa do resgate das 72:000 obrigações e por motivo de melhoria na cotação dos fundos. Muitas apreensões de nova tentativa revolucionaria que, pelo visto, tinha alguns elementos militares. Muitas afirmações agora, tambem, de exaltada dedicação... até por gente que eu conheci profundamente hostíl aos republicanos. De um chefe de policia sei eu, que era uma fêra contra dissidentes e republicanos. Uma vez que houve manifestações realistas, e contra-manifestações revolucionarias no antigo teatro D. Amelia, estavamos ali, ouvindo uma zarzuela, o meu querido e velho amigo e condiscipulo Antonio Centeno e eu; tinhamos jantado juntos e, sem de nada sabermos, pois nada estava previsto, haviamos comprado bilhetes de plateia. Estavamos socegadissimos, levantando-nos quando se levantava a familia real, com a maior serenidade. Pois êsse chefe de policia, que era um dos da guarda especial do rei D. Carlos, apontava-nos e dizia alto:—*aquêles é que deviam ser presos e espatifados.* Sei-lhe o nome. Não o escrevo por piedade e desprezo. Hoje, é um dos mais ferrabrazes defensores da Republica, insulta e ameaça os que se conservaram monarquicos. Que admira?

Estava no Chiado no dia 4 de outubro. Ouvia-se o canhoneio da Rotunda. Avisinha-se de mim um individuo que me diz:—*êles lá estão na Rotunda, vão ser apanhados como ratos... o que merecia, éssa canalha, era serem fuzilados logo.* E', hoje, funcionario querido; foi conservado, aumentado, e quer, na frase vulgar, enforcar o ultimo padre na tripa do ultimo rei. A outro, néssa mesma tarde ouvi eu dizer que tinha ido ao acampamento da Rotunda e encontrára meia duzia de *gatos*, e *bebedos*. Tal e qual! Menos dum mez depois, era nomeado... para uma secretaría! E' pessoa gratissima dum dos partidos republicanos. Começo a ser velho; tenho visto muitas coisas: ingratidões e bajulações, como élas me tem assediado! A Republica tem perigos nos exaltados, que muitas vezes foram exaltadissimos monarquicos hostís á Liberdade: precisa de estar de olhos abertos.»

. . . .

Grandes verdades se encérram néstas poucas palavras do sr. Alpoim. Até parece que as personagens apontadas são da escola dos *democraticos* da Vera-Cruz, marca Firmino-Barbosa de Magalhães, tal a analogia existente entre os feitos duns e doutros. A Republica, porém, tudo perdôa e... compensa aos que lhe retardaram o advento.

De notar

Precisamente no dia ém que no estrangeiro foram resgatadas pelo govêrno do sr. dr. Afonso Costa aquélas 72:009 obrigações dos caminhos de ferro empenhadas pela monarquia para com o seu produto continuar a bacanal realenga de que fômos espectadores durante uma longa temporada, dávamse em Lisboa os gràves acontecimentos que tornáram memoravel a madrugada de 20 de Julho e viéram confirmar o despeito com que os inimigos da Republica recebem todos os actos representativos de bôa administração.

Quer dizer: quanto mais o govêrno fizér, peor; mais odios concita contra si—dos adversários politicos e dos inimigos do regimen, que já parecem ser uma e a mesma coisa.

Custa a crêr, mas é incontestavelmente verdadeiro.

DR. MÉLO FREITAS

Foi assinado o decreto nomeando êste nosso conterraneo secretário geral do govêrno civil dêste distrito.

Não sendo funções que o dr. Mélo Freitas desconheça, e independente do conhecimento do elevado cargo com que aquéle nosso amigo acaba de ser justa e acertadamente distinguido, a sua nomeação implica um verdadeiro acto de justiça com que a Republica distingue um dos seus mais velhos e dedicados adéptos que através de todas as contingencias e de todas as épocas, não abjurou dos seus principios e da sua fé politica.

Recorda-nos ainda, como se agora se désse, o gràve conflito entre o nomeado e o então governador civil, o *imortal* Carlos Braga, em plena praça pública, quando este imbecil mandára, violenta e ilegalmente, cortar a palavra ao dr. Antonio Luiz Gomes numa conferencia realisada ha anos no teatro désta cidade. Por aí avaliâmos o quanto Joaquim de Mélo Freitas amáva a liberdade.

Ao nosso bom e ilustre amigo, digno filho désta cidade que tanto lhe deve e que tanto honra, um grande e cordeal abraço de felicitações.

Prevenimos os nossos correligionários e em geral todos os cidadãos que saibam lêr e escrever e que sejam maiores de 21 anos ou que complétem éssa idade até 21 de Outubro proximo, de que dévem requerer na secretaría da câmara até ao dia 2 de Agosto a sua inscrição, como eleitores, no recenseamento politico que ali se está organisando e hade servir nas eleições suplementares e administrativas de 1913.

Quaesquer esclarecimentos de que alguem tenha necessidade para o mencionado fim, pódem ser solicitados nésta redação que do melhor grado se prestam.

Comissão venatória

Em harmonia com a lei da caça, recentemente promulgada, efectuou-se ha dias no edificio da câmara a eleição da comissão venatória dêste concelho que ficou constituida pelos seguintes caçadores: Mario Duarte, João Pinto Rachão, Carlos Mendonça, Gualter de Souza Lobo, Antonio Maria da Cunha Marques da Costa, Mariano Ludgéro Maria da Silva e Octavio Duarte de Pinho.

VISITA MINISTERIAL

Estivéram nos ultimos dias no Porto, o sr. presidente de conselho assim como os srs. ministros do fomento e da instrução.

Foram altamente significativas as festas com que os portuenses comemoraram a estada ali daquéles membros do govêrno, aos quaes a cidade, deve, sem duvida, importantes melhoramentos e beneficios, destacando-se dentre êles a elevação de Leixões a porto comercial.

Na passagem do *rapido*, nésta cidade, conduzindo os ilustres ministros, foram suas ex.as comprimentados na *gare* por varios amigos pessoaes e politicos que lhes fizéram uma justa manifestação de simpatía.

Concorreu para êsse facto não ter aparecido nenhuma figura sinistra dos *liberaes democraticos* da Vera-Cruz com quem os republicanos não pódem por principio algum acamaradar, especialmente porque, sem êles, lá foram sempre, sincéra, dedicada, lealmente. E' contacto que macula, é aproximação que envenena.

Na viagem para o norte, foi em Santarem preso um tal Manuel Coelho Cunha Neves, sobre quem pésa a suspeita da execução duma tentativa contra a existencia do sr. dr. Afonso Costa, presidente do conselho, incumbencia que lhe fôra feita pelos *comités* monarquicos brazileiros.

A policia procede ao apuramento de responsabilidades, envolvendo em impenetravel sigilo, por enquanto, o resultado das suas averiguações. Esperarêmos tambem.

Expediente

Aos nossos assinantes a quem pelo correio estâmos enviando os recibos do Democrata *vencidos ou prestes a vencerem-se, rogâmos o obsequio de os satisfazerem assim que para isso recebam aviso pois o contrário não só nos acarreta enormes despêsas como ainda nos faz multiplicar o trabalho fatigante da administração o que muito bem os nossos amigos, querendo, pódem evitar.*

Para a **Africa** *e* **Brazil** *não fazemos cobrança, excéção do* **Pará** *e* **Manaus** *onde temos como agentes, respectivamente, os nossos compatriotas J. J. Nunes da Silva e João Simões Amaro Junior que nos teem obsequiado em tudo quanto diz respeito ao jornal naquélas terras onde ha anos residem. Esperâmos, por isso, da comprovada honestidade dos assinantes das outras localidades o envio das importancias correspondentes ás suas assinaturas pela via que melhor lhes conviér e esteja ao seu alcance, o que antecipadamente agradecêmos reconhecidos.*

INFORMAÇÕES

Foi expedida deprecada para além-mar pedindo informes. A ancia dos quadrilheiros. Falaremos.

Carta

Meu caro Arnaldo Ribeiro

Tendo regressado a esta cidade donde me achava ausente ha perto dum mez a tratar da minha saude um tanto abalada com o excêsso de trabalho que tenho tido, vim encontrar a par com vária correspondencia que aqui me retivéram, um folhêto anonimo de denominação algo sugestiva, pois se chama—*De luva branca*—e que me obrigou a começar a lel-o. Ora, não valeu a pena acobertar-se o autor com o anonimato porquanto logo á leitura das primeiras linhas se mostra bem transparente—*ex digito gigans*...

Primeiramente quero acentuar que o epiteto de—*De luva branca*—cabe pouco ao escrito em questão; visto em grande parte das suas paginas *marear* a luva que as escreveu, pois deixa cair a cada passo palavras e frases que nada se compadécem com o sugestivo titulo da obra. Modos de vêr.

A' parte esta pecha podia o escrito ainda assim ser coisa nova, ter atualidade, mas nem isso, visto o que êle diz com pretenções a *primeira mão* se encontrar ha muitos anos, todas as quartas-feiras e sabados, no jornal da familia.

Que diabo! Todos concordam, não havendo a esse respeito duas opiniões, em que na familia alguns talentos, grandes mesmo, tem havido, nomeadamente dois, já extintos. Porém de aí a serem caratéres impolutos, na proporção das grandes aptidões intelectuaes que reveláram, vai um abismo e é principalmente o seu procedimento moral, como cidadãos e como funcionários, que os seus procuradores vivos se esforçam por classificar de exemplar. A tal respeito perdeu o autor do—*De luva branca*—uma belissima ocasião de estar calado... E calado tambem ficaría quem estas linhas escreve se não fosse uma infamissima insinuação dirigida a José Luciano de Castro, quando no escrito, a gapinas 17, se diz textualmente, «..... *até que a* **negra ingratidão** *de José Luciano de Castro* **o** *fez afastar para sempre da vida activa da politica.*

Chamar *negro ingrato* a José Luciano de Castro em relação á pessoa que êle, com a sua *ingratidão*, fez afastar para sempre da vida activa da politica, é que representa, muito ao contrário, uma requintada ingratidão para com esse antigo conselheiro de Estado, tão claramente expressa em duzias de sucessivos numeros do jornal da familia, desse imundo vasadouro que ás quartas-feiras e sabados infesta a atmosféra deste meio.

Ora para que a torpêsa da insinuação não tome fóros de cidade, forçoso se torna ir bulir em cinzas já que os zoilos da Vera-Cruz não tivéram pejo de tocar em feridas sangrentas que o tempo se ia encarregando de fazer esquecer. E' cruel, é desumano, bem o sei, mas os vivos tambem teem direitos que é preciso fazer valer; e, se outro remédio não houver, venham os mortos dizer de sua justiça.

Vejâmos, pois, como o autor do—*De luva branca*—revéla uma maldade sem nome quando chama *negro ingrato* a José Luciano de Castro.

Crêmos não se haver varrido da memoria de muitos que por ventura isto leiam um acontecimento sensacional que, ao tempo, deu brado, qual foi um tristissimo episodio sucedido na Direcção Geral do Ultramar, cujo protogonista foi um dos membros mais queridos da *irmandade* que, desde sempre, julgou isto país conquistado para o seu patrimonio. Era então Director Geral do Ultramar o ha pouco falecido Francisco Felisberto Dias Costa que, ao descobrir, já sem poder evitar o mal, a tramoia representada pela inconfidencia dum telegramma vindo de além-mar e que era segredo de Estado, foi aos ares. Senhor, cêdo, do despacho, um traidor, chefe da respectiva repartição, imediatamente o divulgou a um sindicato que, de posse do mesmo segredo, poude, em poucas horas, encher-se de dinheiro com negociações que fez com papeis á sombra de tal comunicação. E, como o dinheiro era muito, grossa maquia teve como prémio da sua infedelidade o empregado pouco escrupuloso (dizem que quantia não inferior a 17 contos de reis) tudo em prejuizo do Estado e da moralidade.

Como Dias Costa era um puritano, e por outro lado via a responsabilidade que mais tarde lhe podería caber na tramoia como director geral da repartição em que o caso se déra, embora inocente, tratou de salvaguardar o seu nome e pôr a sua honestidade acima de toda a contingencia. Procurou então o chefe do partido, José Luciano de Castro, que ao tempo tambem o era do govêrno para lhe apresentar o seguinte dilêma: *ou o traidor ganancioso é demitido ou eu peço a minha demissão; com um subordinádo assim é que eu nem sirvo nem transijo por não admitir semelhante pouca vergonha portas a dentro da repartição de que sou chefe.*

Imagine-se como ficou José Luciano de Castro nos primeiros momentos! Contudo interveio logo com a sua autorídade para evitar que ficasse perdido no conceito público um homem álias de muito valor intelectual, mas pelo visto, de pouco valor moral. Não querendo tirar a Dias Costa a razão que lhe assistia mas tambem não querendo perder o *outro*, apesar de conscio da má acção que originou o célebre dilêma, póde o leitor começar a vêr já a infamia da torpissima insinuação quando a José Luciano se chama—*negro ingrato!*

José Luciano, como medianeiro amigo (o tal *negro ingrato*) lembrou então um alvitre com que calaría Dias Costa salvando o *heroe* da tristissima situação em que se encontrava. Que fez? Levou o ministro da justiça do govêrno a que presidia a crear um logar de sub-director geral, que não havia, por desnecessário, no qual foi provida a pessoa com quem Dias Costa não transigia se continuasse a ser seu subordinado.

A solução do conflito, o abafarete do caso, lembrado e executado pelo *negro ingrato* a tal ponto lisongeou a familia, que José Luciano mais uma vez, entre muitas, foi, no jornal dos *puritanos*, guindado ao setimo céo durante uma temporada. Todavía, em bréve, no horisonte se acumulavam as nuvens que no mesmo pasquim deviam dar logar á enorme tempestade que tinha de subverter o *negro ingrato*. Ainda numa determinada quarta-feira José Luciano pairáva no sétimo céo onde o *orgão* o havia feito subir, para no sabado seguinte ser, pelo mesmo *orgão*, atirado ao setimo inferno, cheio de ameaças, afrontado e vilipendiado como nenhum homem público entre nós jámais o fôra. E' que, naquele curto espaço de tempo, estoirou a bomba que nomeava Albano de Melo director geral dos negocios da justiça, logar vago de pouco e a que o autor da proêsa que vimos narrando, se julgava com direitos de preferencia. Sofrego, como era, não soubéra esperar por melhor monsão.

Via sómente a sua pessoa, tal o sestro da familia...

Segunda vitima é então, por egual, emulada á senha do papel da casa, qual foi o dr. Albano de Melo, cuja enormidade de serviços ao partido progressista, como era sabido de todos, o impunha e indicava para o cargo a que acima nos referimos. Nem José Luciano nem Albano de Melo voltaram, por isso, mais a ser boas pessoas apesar dos beneficios feitos a éssa gente, que dêles recebeu inclusivamente o pariato para um dos membros da ciganagem no momento da sua decadencia e descredito no conceito dos homens de bem e que a meu vêr representou o maior favor dispensado a quem tão mal agradecido sempre foi.

Sim, porque se não fôra Albano de Melo que desempatou a eleição entre os eleitores do Norte e os do Sul do distrito, tal corja jámais teria obtido aquêles arminhos.

Calcule-se, façam ideia os que acaso me lêrem, do estôfo moral de quem assim procéde.

Negro ingrato! Negros ingratos são os famigerados troca-tintas da Vera-Cruz que você, Arnaldo Ribeiro, tão bem tem zurzido e para cuja biografia me propuz mandar-lhe estas notas convencido, como estou, de que nenhum republicano sincéro deixará de se interessar pela sua campanha, que é nobre, é justa e revéla as boas intenções de que está possuido não deixando que refalsados impostores, sem convicções, maculem a Republica, que concordo deva ser para todos os portuguêses, mas menos para aqueles que desde remotos tempos veem dando as mais exuberantes provas da sua imoralidade.

Termino por lhe desejar as maiores venturas confessando-me seu constante leitor e amigo.

Aveiro, 23 de Julho de 1913.

H. P. C.

Sem querermos de fórma alguma comentar o que aí fica, por escusado, hãode concordar que era talvez bem melhor não virem discutir *esse epiteto de* REACCIONÁRIO *lançado imbecil e malévolamente sobre uma familia de tradições liberaes que não tem manchas no seu passado nem pontos escuros na sua vida...*

Custam-nos tanto cértas coisas...

Exposição de trabalhos no Colégio de Nossa Senhora da Conceição

—=(*)=—

Inaugura-se no proximo domingo a exposição anual de labores executados pelas alunas désta casa de educação e instrução para meninas, o mais antigo estabelecimento dêste género que a cidade possue e de que é directora a veneranda sr.ª D. Rosa E. Regala de Moraes que pelas suas virtudes e orientação pedagógica conseguiu, em já largos anos de trabalho aturado e proficuo, tornar o seu instituto um dos primeiros entre os primeiros.

E que néstas palavras não vai sombra de lisonja nem encómio imerecido, poderão testemunhal-o aquêles que visitarem a exposição que para todos se manterá aberta durante oito dias; que, de resto, o que é o Colégio de Nossa Senhora da Conceição de sobra o sabem as numerosas familias que dos pontos mais afastados nêle teem feito educar e instruir as suas filhas.

Lá irêmos tambem admirar os trabalhos expostos, sobre os quaes dirêmos depois a nossa humilde opinião, ou antes dos quaes farêmos aos nossos leitores uma enumeração tão exacta quanto possivel nol-o permitam os nossos apontamentos e o espaço de que podermos dispôr.

ASSUNTOS REGIONAES

O Congresso de Aveiro

segundo a opinião do ilustre governador civil, dr. Alberto Vidal, déve ocupar-se principalmente do bom aproveitamento da ria e das vias de comunicação, cujo estado é lastimoso

O *Seculo*, que, como se sabe, tomou a iniciativa dos congressos regionaes em todos os distritos do continente, para nêles serem tratados assuntos que interessem á vida economica do país fomentando ao mesmo tempo a riquêsa por todas as localidades, acaba de ter uma longa entrevista com o nosso presado amigo, abalisado professor e chefe da repartição do govêrno civil dêste distrito, sr. dr. Alberto Ferreira Vidal, que, acedendo á curiosidade e interesse do redactor do antigo diário lisbonense, assim se exprimiu quanto aos problemas especiaes a debater em Aveiro e á influencia que o congresso poderá ter, segundo a sua opinião, que é a opinião dum homem assaz autorisado pelos vastissimos conhecimentos que possue:

—A iniciativa do *Seculo*, quanto á realisação de congressos regionaes, merece o meu caloroso aplauso e deve ser recebida com o mais decidido apoio por todos quantos pugnam pelo engrandecimento da nossa patria. Nêsses congressos deve fazer-se a discussão serena e ponderada dos problemas de mais instante solução nas diversas regiões do país, sem *verborréa*, nem tiradas de enfadonha rétorica. *Res non verba*, aliás, nada produzirão de util. Os recursos e naturaes aptidões do país variam muito de região para região; importa conhecer, préviamente, êsses recursos e éssas aptidões, para melhor estudar o meio de os utilisar com vantagem e fixar as linhas geraes a que o legislador deve obedecer na factura das leis, que, para serem bôas e justas, carecem de se inspirar nas verdadeiras necessidades dos povos. O indiferentismo dêstes nasce quasi sempre de não se atenderem, sistematicamente, as suas reclamações.

«Aos congressos regionaes, quando bem orientados e quando não redundem num moedouro esteril de palavras, cabe, pois, o grande papel de coordenar elementos e de fornecer materiaes para uma bôa obra legislativa.

—E quaes são, no seu distrito, os problemas que reclamam um estudo e solução mais urgentes?

—No distrito de Aveiro são bastantes e bem complexos alguns dos problemas que urge atacar de frente.

«Comecemos pela instrução. Comquanto as ultimas estatisticas coloquem este distrito como um dos que menor percentagem apresentou de analfabetos, enorme é ainda a tarefa a fazer, porque os serviços de instrução fôram sempre sacrificados no anterior regimen á politica de campanário. Alguns passos decisivos deu já a Republica no sentido de os melhorar, pois ainda ultimamente foi estabelecido o ministério de instrução publica, o que demonstra que a sério se tem pensado em dar combate ao mais gràve dos problemas nacionaes. Todavia, parece-me que se enganam aquêles que pensam que uma lei póde transformar de momento, e como por encanto, o estado de atrazo em que o país se encontra nêste assunto. As providencias a adotar não só devem visar a extinguir a vergonhosa percentagem de analfabetos, como a difundir conhecimentos praticos sobre o melhor aproveitamento das forças vivas da nação. Industrias ha suscétiveis de grande desenvolvimento, sem necessidade de importar do estrangeiro a materia prima, e que, por éssas aldeias fóra, pódem ocupar muitos braços, contrapezando assim á corrente emigratoria, que é um grande mal em algumas provincias. Entre nós, a escóla primaria está longe do que deve ser. Faltam-nos escolas de artes e oficios e, por isso, não aproveitamos aptidões artisticas tradicionaes em alguns pontos do país. Não prégamos insistentemente ao povo a necessidade de se instruir a par das vantagens de se dedicar a ocupações de que póde auferir interesses. Criança que faça exame do segundo gráu raro deixa de ter aspirações a grande senhor, de fórma que, em muitos casos, o seu diploma de exame não passa de um documento de divorcio do trabalho util e nobilitante. Ocioso é repetir que Portugal tem grande capacidade agricola; desgraçadamente, porém, os processos de cultivar a terra são ainda geralmente os da rotina. Urge crear escolas moveis de ensino pratico de agricultura, de pomicultura, (o que ha a fazer e se podia fazer nêste ponto é assombroso!) e de silvicultura; é inadiavel fomentar o desenvolvimento de industrias caseiras, perdidas umas, outras em lastimosa decadencia, como a agricultura, a sericicultura, o fabrico de tecidos de linho. Seja-me licito nêste ponto citar a utilissima publicação, ao alcance de todas as bolsas, do *Seculo Agricola*, que tantos ensinamentos vae vulgarisando e que póde exercer um grande papel no nosso resurgimento economico. Não se pense, porém, que tudo isto e muito mais que está por fazer depende apenas da acção dos govêrnos. Não! E' preciso que a iniciativa particular se manifeste; é necessario que os nossos patriotas, com fortuna, e que até agora a teem aplicado em coisas nem sempre de utilidade imediata, enveredem pelo caminho da escola, fundando e dotando estabelecimentos de ensino, cuja acção as gerações futuras não poderão deixar de bemdizer. Este distrito possue já tres magnificas escolas de ensino primario, belamente dotadas a expensas de benemeritos. Penso que não as ha eguaes em todo o país. E apraz-me registar que os seus benemeritos fundadores as olham com paternal desvanecimento, dotando-as de tudo quanto lhes é necessario.

«São as escolas de Salreu, concelho de Estarreja, fundadas pelo visconde de Salreu; as de Valega, Ovar, por José de Oliveira Lopes, e a de Macieira de Cambra, fundada e dotada ha pouco por Luiz Bernardo de Almeida.

«Pois aqui fica o apelo a algum benemerito que possa e queira cercar o seu nome da atmosfera de gratidão que o nosso povo sabe dispensar aos que pelo seu progresso pugnam.

A arborisação das dunas é urgentissima, afim de utilisarmos na agricultura dezenas de leguas improdutivas

«A instrução é, pois, um dos problemas que se impõem á consideração dos congressos regionaes e que deve ser posto e resolvido por uma fórma concreta e praticamente realisavel.

«Outro problema a atacar de frente será o do aproveitamento da extensissima faixa de areias, completamente improdutivas, que é indispensavel utilisar, já para a cultura agricola, já para a arboricultura. Incalculaveis serviços tem já prestado a repartição florestal dêste distrito na arborisação das dunas, mas não chega a parca dotação dêstes serviços para o muito que ha a fazer. Dezenas de leguas da nossa costa estão e estarão completamente improdutivas, por incultas.

«Necessario se torna, a meu vêr, fomentar e auxiliar a iniciativa particular; nêste ponto, temos o exemplo da Gafanha, das quintas ao norte da praia da Torreira, hoje transformadas em solo imensamente produtivo e só pela iniciativa particular, para não sair dos limites do distrito. Em toda a margem poente da ria o terreno arenoso, completamente esteril, bem póde tornar-se apto para a cultura cerealifera desde que se proceda á sua arborisação por zonas. O moliço extraído das aguas do formoso estuário é adubo de extraordinaria acção fertilisadora e de grande barateza pela facilidade do seu transporte. Conviria assim, talvez, fazer a cultura intercalarmente, servindo as zonas arborisadas de abrigo contra a invasão de areias sobre as zonas cultivadas a cereal. Conviria, além disso, assentar nas especies florestaes que devem cultivar-se, porque me parece que nem só o pinheiro deve ser explorado. Extensas matas de eucaliptus pódem plantar-se, os quaes são de mais rapido desenvolvimento que o pinheiro e não são menos preciosos, já pelo abrigo, já pela fixação das areias, já pelo preço que atinge a sua madeira, tão empregada hoje nas construções e até na marcenaria e na tanoaria. Que riqueza se não perde e como seria formoso, dentro em poucos anos, o aspeto dos nossos extensos areaes, charneca arida presentemente!

«E já que falamos no famoso delta do Vouga, lembrâmos outro interessante problema regional, o da sua valorisação, bem como dos rios e seus afluentes, como excecional piscina, que póde ser, se se persistir no caminho, encetado já, da aplicação do regulamento da pesca e da a anha do moliço. Um distrito como este, com importantes nucleos de população maritima, com notaveis aptidões piscatorias, como Murtosa, Ilhavo e Aveiro, devia ter em muito maior escala a industria da pesca, quer na ria, quer nos seus afluentes, quer no mar. Outr'ora, a profundidade da ria e as condições da barra de Aveiro eram taes que permitiam o estabelecimento e a manutenção de uma flotilha de pesca de bacalhau. O seu comercio maritimo não se limitava á exploração local; alargava-se até ás costas da Terra Nova e da Bretanha. Essa tradição foi-se perdendo. Pois era necessario que revivesse, para bem de todos.

«Seja-nos licito transcrever aqui os seguintes periodos de um relatorio que ha pouco tempo enviámos ás estações superiores:

«Com uma area de 49:000 hectares, a ria de Aveiro utilisa a 26 freguezias marginaes, numa superficie repartida por 6 concelhos dependentes dos dois distritos, Aveiro e Coimbra; o grande delta do Vouga apresenta a variabilidade de exposição, de profundidade, salsugem, de vegetação, de temperatura e de composição do solo. Porém, a invasão das areias, as aluviões dos rios que lhe são tributarios, as vedações dos proprietarios, os erros cometidos de longa data nas obras da barra de Aveiro, o emprego de aparelhos de pesca destruidores, em que a vegetação aquatica se torna imprescindivel para abrigo do peixe, toda a especie de depredações, em suma, transformaram o opulento estuario em estancia de mesquinhos recursos, comparativamente com o que podia ser e com a prosperidade que a historia lhe assinala nos seculos XIV, XV e XVI.

«E, todavia, a despeito de tudo isso, o rendimento do seu pescado, do sal, da *junça*, do *junco*, do *caniço* e do *moliço* tem orçado por quantia superior a 4:000 escudos anualmente.»

«Do conhecimento dos factos apontados resultaram por parte dos poderes publicos disposições legislativas tendentes a melhorar as condições da ria, no sentido de se tirar déla o maximo proveito. Essas disposições legaes, mais ou menos restritivas do uso do dominio publico, por dificuldades de fiscalisação eficaz e, em muitos casos, por exigencias de caracter eleitoral no antigo regimen da nação, ficaram letra morta, e assim, as industrias da pesca e da apanha do moliço se continuaram a exercer, aquéla com toda a especie de artes proíbidas, esta ininterruta e, portanto, danosamente para as especies piscatorias. O regulamento de 28 de dezembro de 1912 começou a aplicar-se com prudencia, mas sem hesitações, de fórma que, com a fiscalisação feita por praças de marinha em tres lanchas a vapor, se contrariam as pretenções dos que não olham ao futuro e desprezam os interesses superiores désta região, colocada em condições notavelmente excécionaes, para poder ser não só um grande centro de produção piscatoria, mas ainda naturalmente destinada, pela variabilidade das suas aguas, do seu fundo e da sua posição, a escola pratica de piscicultura do nosso país...»

A industria do turismo tem em Aveiro esplendidas condições para o seu desenvolvimento

«A industria salinifara precisa tambem de ser eficazmente coadjuvada, de fórma que o seu magnifico produto tenha facil saída e dê aos respetivos proprietarios e operarios empregados no *amanho* das *marinhas* condigna remuneração. Nem por mar, nem por terra tem facil saída o sal de Aveiro, tão apreciado em alguns mercados e cujo fabrico é suscétivel de aperfeiçoamentos. A barra não está em condições de poder dar acésso a um porto que abrigue embarcações de grande arqueação; comtudo, podia Aveiro ser um dos portos de cabotagem mais concorridos, quer para a exportação dos vinhos da riquissima região da Bairrada, quer do peixe, do sal, das madeiras dos concelhos do nascente do distrito, quer ainda para os produtos ceramicos (louça, azulejo, telha, tijolo) das fabricas de Aveiro, Oliveira do Bairro, Pampilhosa e Ovar. Pelo lado de terra, as tarifas-ferroviarias estão ainda muito longe de ser favoraveis ao desenvolvimento industrial que é licito esperar...

«O movimento industrial dêste distrito, assás populoso, e cujas povoações são dotadas de grande actividade e de genio empreendedor, muito teria a lucrar se se pudéssem aproveitar as quédas de agua do rio Caima, onde o de Misarela tem cêrca de 70 metros de altura, tendo a de Palma já sido aproveitada para uma fabrica.

«Estou convencido de que nos rios tributarios da ria se poderia bem obter por meio de quédas de agua artificiaes a energia suficiente em condições economicas para estabelecimentos fabris e para a iluminação eletrica da maior parte das lindas povoações da beira-mar.

«E, assim, as fabricas de papel de Val-Maior, a de pasta para papel do Carvalhal, as de lacticinios nos concelhos de Macieira de Cambra, Arouca, Oliveira de Azemeis e Sever do Vouga, as de chapéus, de S. João da Madeira, a de magnifica porcelana da Vista-Alegre, as de faianças da Fonte Nova (Aveiro), cujos magnificos produtos se pódem admirar em Lisboa, no *Gato Preto*; as de conservas de Espinho, de Ovar e S. Jacinto; de serração, de Mogofores; a de grés, de Oliveira do Bairro; a de refinação de sal, da Gafanha, suburbio de Aveiro; as de telha, tipo de Marselha, e tijôlo, de Pampilhosa, Aveiro e Ovar; de lixa, em Sôza, Vagos; as importantes minas de chumbo argentifero, do Braçal; de cobre, no concelho de Sever do Vouga, etc., etc., poderiam alargar extraordinariamente a sua esfera de acção. A lavoura poderia tambem valorisar-se, aproveitando as aguas dos rios para irrigação. Este capitalissimo problema é que conviria estudar profundamente.

«Outro assunto a estudar, visto que agora tanto se fala de *turismo*, é o da propaganda das belezas désta privilegiada região. Temos a estação de aguas da Curía, já tão prospera e em via de largos progressos, a do Val da Mó e a do Luzo; temos a formosissima estancia do Bussaco, sem rival no país e a par do que de melhor ha no estrangeiro, servida por um monumental hotel; temos a pouco conhecida *Pateira*, de Fermentelos, a encantadora paizagem da ria, com os seus numerosos canaes, servindo a laboriosa vila de Ovar (28:000 habitantes). Murtosa, concelho de Estarreja (cêrca de 15:000 habitantes), Ilhavo (15:000), Vagos, etc.; Agueda, a *linda;* Anadia e Mogofores, com os seus pujantes vinhedos e pomares; Angeja, á beira do Vouga, numa situação esplendida, e o encantador vale de Cambra; praias como Espinho, Furadouro (Ovar), Torreira, a do Farol, na barra, e a da Costa Nova. Com bôas vias de comunicação e bons hoteis teremos assegurada a visita de muitos *turistes*.

—E quanto á emigração, tem-se feito sentir muito no seu distrito?

—Efectivamente, interessante seria estudar o problema da emigração, que me parece não ter nêste distrito as funestas consequencias que tem nos distritos transmontanos e beirões.

«Milhares de contos veem anualmente do Brazil para este distrito, onde frutificam, não só em emprezas industriaes, como em construções, permitindo dar que fazer a milhares de braços e contribuindo para o embelezamento de algumas povoações. Ha que estudar este problema, sob o ponto de vista do nosso dominio colonial, podendo derivar-se cautelosamente a corrente emigratoria para alguns pontos da nossa Africa. Os concelhos da Feira, Estarreja e Oliveira de Azemeis são aquêles onde a emigração mais tem feito progredir as respectivas freguezias.

«A viação no meu distrito chegou a um estado deploravel, mercê do abandono a que foi votada no anterior regimen. Não comportam as atuaes circunstancias financeiras do país a sua rapida transformação, mas alguma coisa já se tem feito; espera-se que em poucos anos, quando se não faça o *preciso*, se fará o de *maior necessidade*.

«Nêste importante capitulo do fomento nacional, os municipios e as juntas de paroquia teem tambem a representar um largo e util papel. Só para o indispensavel concerto das estradas nacionaes do distrito são necessarios 500 contos.

«O problema da assistencia publica carece tambem de ser resolvido. Não temos hospital distrital e são poucos os concelhos onde o ha e, quando ha, as suas proporções são mais que modestas. Ha por aí muita residencia paroquial, hoje incorporada nos bens nacionaes, que pódem ser aplicadas a estes utilissimos estabelecimentos ou adaptadas a escolas. Que o Estado as cêda, quando a iniciativa particular possa contribuir para as transformar em casas de abrigo para pobres e doentes ou em templos onde se ministre a instrução.

«De tudo isto e de muito mais que fica por dizer se pódem ocupar eficazmente os congressos regionaes, auxiliados pela imprensa das localidades, que muito póde fazer tambem.

«Entre-se, pois, nêste caminho, sem intuitos reservados, faça-se uma activa e esclarecida propaganda do que ha a fazer, proponham-se alvitres, discuta-se, eduque-se o povo, derrame-se a instrução e forme-se o caracter das nossas crianças, coisa para que pouca gente olha e fonte das nossas maiores desgraças.

«A crise mais pavorosa, nêste formoso país, é a da falta de caracter. Pois urge formal-o e radicar bem fundo no espirito infantil o amor pelas coisas da nossa bôa terra; é preciso combater, por todas as fórmas, o desalento de muito *snob*.

«Façâmos uma democracia a valer, pelo trabalho, pelo estudo e pelo amor da Patria, e teremos conquistado o logar que os passados erros da monarquia fizéram perder.»

O BICHO DA SARDINHA

—(*)—

Não sabemos porque carga de agua, correu entre o povo que não era boa a sardinha que trouxésse aderente uma especie de bicho parasitario com que nos ultimos tempos tem aparecido no mercado, o que dá logar aos mais desencontrados boatos e consequentemente a uma cérta relutancia em comel-a por parte de bastante gente, que em tudo acredita, como, por exemplo, que o mar se acha envenenado, e outros disparates assim, sem ao menos refletir na enormidade da tolice.

Ora a verdade é que o bicho da sardinha não faz mal nenhum. Afirmam-no não só distintos bactereologistas como ainda os que a comem e saboreiam sempre que vem ao mercado e é suscétivel de ser cosinhada... quando não está a tres ao vintem...

Que isto fiquem sabendo duma vez para sempre e o façam propalar todos quantos nos lêrem.

Necrologia

Com a idade de 53 anos deixou de existir na terça-feira vitimado por uma congestão pulmunar, o padre Antonio Joaquim Soares de Rezende, que foi durante muito tempo o cura da freguezia da Gloria, com residencia na rua Miguel Bombarda.

O seu cadaver foi transportado para Veiros, concelho de Estarreja, donde era natural.

UM ABORTO

—=(*)=—

Antes de mais nada, antes de continuarmos nésta taréfa de indispensavel analise e respectiva destruição, periodo por periodo, de mais essa prova de atrevimento dado á publicidade nas tristes paginas de um anonimo folhêto pela gente que de todos os expedientes lança mão para fins que facilmente são compreendidos, temos que referir o *truc* de que se serviu a *emprêsa* ao sentir os efeitos inexoravelmente demolidores das nossas primeiras palavras analiticas da *imorredoira obra*, que tem tanto de imodésta como de cinicamente mentirosa.

Derruidos os primeiros argumentos com que os emprezários pretendem iludir o incauto leitor, conhecida por êles a fórma ironica como uns receberam a *obra prima*, o tédio como outros de parte a pozéram mal se orientaram do fim a que visáva; na segura prespectiva dum resultado absolutamente negativo, agraváda ainda com o repugnante anonimato com que se cobria a aparição déssa *preciosidade* historica e politica, o que mais condenáva o *colossal trabalho*—resolveu a emprêsa mostrar como glorioso autor de tão notavel paridéla, uma das pessoas mais novas da familia, e, trazendo-a ao tablado do velho barracão de feira, onde ha anos a *companhia* se exibe num declinar constante, mostrou-a como sendo o fazedor da peça, que, façâmos-lhe justiça, numa transigencia digna de melhor causa, aceitou. Prendendo-se á obra com o público testemunho de que afinal nenhuma responsabilidade por isso lhe imputam, apenas aceite o papel que lhe destinaram, a assistencia lobrigou por traz do pobre rapazinho as figuras manhosas dos emprezários e rompeu, mais uma vez, em furioso clamor de reprovação estrondosa, pateada e sibilos assobios, conseguindo apenas com a sua falta de senso, a desacreditada firma, que o respeitavel público crismásse a vitima com o *sobriquêt* de *Zé da luva*, que já agora nunca o abandonará, tão ridicula se tornou a encantadora creanço pelos seus extraordinários zelos...

Quiz a *emprêsa* afastar de si a responsabilidade do tremendo fiasco, mas foi bem mais desastrosa a emenda que o primitivo sonêto. De resto nenhum mal futuro por isso advirá ao *joven artista* bastando-lhe apenas o desastre da sua estreia, o que já não é pouco.

* * *

Continuando, porém, na apreciação, pagina a pagina, do anonimo folhêto, termináramos no passado numero a nossa analise referindo a reprodução de palavras que nele se faz, palavras escritas pelo dr. Joaquim de Melo e que se referem a uma senhora, para quem nunca tivémos a mais leve referencia desagradavel, por imerecida e ainda porque não caberia nem á sua pessoa nem á sua memoria, responsabilidades de actos que éla não praticou.

Que analogia se pretende estabelecer entre as razões inconfundivelmente verdadeiras que reforçam a nossa atitude contra os inimigos da liberdade, publicamente autenticados com tal, na protecção e cometimento de actos em esforçada defêsa da reacção, com apreciações que se reflétem intactas na vida familiar e doméstica duma senhora tão alheiada sempre déssas razões públicas e politicas? Para se concluir daí que não foi á conhecida *trindade* a quem cabe a introdução das irmãsinhas nésta cidade, facto que o proprio autor do anonimo folhéto á pag. 11 chama—*questão por todos os motivos vergonhosa das irmãs da caridade?*

Que tristes argumentos, que original sistêma com que ésa gente pretende escrever a historia!

Não procurem imagináveis e falsas razões para assentarem falsas bases de pretendidas provas desmentindo o que afirmâmos, que não só é a expressão rigorosa dos factos, pública e inteiramente conhecida de toda a gente désta terra, como ainda o que ha de mais claro e positivo.

Quem é que pretende negar que as irmãs de caridade contra quem a cidade inteira se manifestou ruidosa e violentamente no dia 19 de setembro de 1888, abandonáram ésta terra no dia seguinte conforme a ordem terminante, dada telegraficamente por José Luciano de Castro então presidente do conselho de ministros?

Quem se atreve a desmentir, com verdade, ésta afirmativa? Quem?

Se élas entraram e saíram durante a administração do falecido dr. Barbosa de Magalhães, o segundo caso, ainda que se désse dentro da sua gerencia, não foi contudo por sua vontade nem deliberação, mas sim nas condições que indicâmos: por ordem do govêrno, por ordem do ministro e em virtude das manifestações do povo aveirense nésse dia memoravel para a liberdade e para a democracia!

Não pretendam, pois, propositada e inutilmente baralhar os factos a seu modo para que se chegue a falsas ilações, pretendendo desmentir o que é do dominio publico e que não poude fugir á penna do proprio escrevinhador anonimo, quando confessa e diz: *mas tivésse ou não Barbosa de Magalhães responsabilidades na questão das irmãs de caridade, os inimigos da Vera Cruz, etc. etc.*

Não ha que fugir; responsabilidades teve-as como todos quantos a si chamaram o encargo de fazer vingar por ardilosos meios esse avanço da reacção, que principiava a invadir o país e que no assalto á patria de José Estevam, a quem a seita arrebatára uma sobrinha, encontraría, por cérto, no ninho que aqui pretendia fazer, maior doçura e maior calôr!

¿E quem abria as portas do pombal onde as aves negras, *a guarda avançada do jesuitismo*, já passavam aparentemente mansas e meigas, calculando quando novo bando, em alegre revoada, viria espalhar se por toda a parte onde fosse preciso formar a invasão pretendida? José Eduardo de Almeida Vilhena, seu cunhado Manuel Firmino de Almeida Maia e José Maria Barbosa de Magalhães! Mas o pifio autor do anonimo folhéto numa mistura idiota de datas, escondendo, todavía, referir os pontos capitaes e ilucidativos de toda a verdade, num arranco, que mais enoja que surpreende, aventura-se a escrever que *nesse tempo* (1888) **os maiores reaccionários de Aveiro**, *que não viam com bons olhos a politica liberal e caracteristicamente liberal de Manuel Firmino, os regeneradores, que lhe invejavam a preponderancia e o logar de chefe do distrito, emfim, todos aquêles que a Manuel Firmino tinham odio por questões pessoaes ou politicas, incluindo os republicanos que para a sua propaganda se souberam aproveitar admiravelmente da questão, todos êles se juntaram para fazer guerra á Vera-Cruz!*

E não foram os **maiores reaccionários de Aveiro** que trouxéram, protegeram e queriam as irmãs de caridade, mas Manuel Firmino *com toda a sua politica liberal e popular!!!*

E' espantoso que se escreva, que se diga com tamanha inconsciencia e tão repelente desvergonha o que aí se anda a publicar.

E quer o *Zézinho da luva* que o *comâmos* como autorisado autor e até, talvez, como consciencioso testemunha dêstes acontecimentos que o seu espirito consérva tão nitidos como se êles decorressem agora, no ano da graça—digo—no terceiro ano da Republica!...

A pálida e loira creança... já infante!!!...

Mas... antes de terminar ésta apreciação ao especolondrifico folhêto, notarêmos ainda o desvanecimento politico com que o *Zézinho da luva* exclama: *como os da Vera-Cruz lhe fazem sombra! Bem se importava éssa gente cá da terra das irmãs de caridade! A gente désta terra que nunca foi liberal nem nunca foi reaccionária, porque só é susceti-vel de receber favores e de atirar pedras!*

Independente da vontade que desperta ésta imbecil afirmativa de se perguntar ao autor do livréco onde estão os favores que êle ou a sua gente dispensou a ésta terra, o patéta, que chama *vergonhosa* á questão das irmãs da caridade, êle que pretende ilibar personalidades que a morte arrebatou — *sem a avidez dos abutres sobre os cadaveres, arrancando ao silencio dos tumulos a memoria sagrada dos mortos*—porque tal atitude e taes sentimentos são, em exclusivo, só para nós quando temos por necessidade fazer iguaes referencias— êle que quer provar que a familia, como a sua propria pessoa, não pertencem ao numero dos reaccionários, escreve o seguinte, que é o simples e inconfundivel desmentido á sua propria pretensão:

Estava aí o hospital aberto a toda a gente; todos podiam ir vêr e todos iam; todos concordavam que as irmãs da caridade eram as melhores enfermeiras do mundo; todos achavam o serviço explendido, a limpêsa irrepreensivel, o tratamento dos doentes magnifico.

Que verdadeira miseria! Como se alguem algum dia as discutisse debaixo désse ponto de vista! O que é ser ignorante, atrevido e... e..., vá lá o termo, estupido.

NOTAS DA CARTEIRA

Faz anos no proximo dia 5, o nosso amigo sr. Antonio da Rocha Agra, ausente em Manáus e um dos mais estimados cavalheiros do visinho concelho de Ilhavo.

Antecipâmos-lhe os nossos afectuosos cumprimentos.

= Veio passar alguns dias á sua casa de Taboeira, o nosso presado assinante sr. José Lopes de Matos a quem agradecemos a atenção da sua visita.

= Partiu para a praia do Farol com sua familia o sr. Manuel Marques da Silva.

= Regressaram de S. Pedro do Sul, o nosso correligionário Manuel Barreiros de Macêdo, activo vereador da Câmara Municipal e de Melgaço, seu tio, o sr. Antonio Maria Ferreira.

= Das mesmas caldas regressou tambem á sua casa de Nariz, o sr. Francisco Valerio Mostardinha.

= Estivéram em Aveiro os srs. dr. Eduardo Moura, medico em Eixo; Ventura Simões Aidos, industrial em Agueda; João Afonso Fernandes, de Cacia; Antonio Godinho de Almeida, de Válega e João de Oliveira Fráde, professor em Fafe.

= Vindo de Vale da Mó já aqui se encontra o sr. Augusto Guimarães que se prepara agora para seguir até á Costa Nova.

= Deu á luz uma creança do sexo masculino a presada esposa do conceituado negociante da nossa praça, sr. Manuel Lopes da Silva Guimarães.

Pessoas honéstas, familias de reputação confirmada, em Aveiro, são—não o diz o *Bébes* por modéstia—êle proprio, o *Bichésa* e o tenente medico miliciano Pereira da Cruz, que tambem é *medico municipal do concelho, delegado de saude no distrito, homem politico, politico republicano e republicano democrático!* E porque, á excéção do *Bébes*, todos se acham intimamente ligados áquéla familia *de tradições liberaes que não tem manchas no seu passado nem pontos escuros na sua vida*, concluimos que o *orgão dos taberneiros* tem carradas de razão em censurar os *malditos* que nem á mão de Deus Padre transigem com as poucas vergonhas praticadas pelos seus amigos, já se sabe... *por brincadeira*...

E' um alho, o *nosso Bébes!*...

Juramento de bandeira

No quartel de cavalaria 8 realisa-se depois de ámanhã, pelas 12 horas, a cerimonia da ratificação do juramento da Bondeira pelos recrutas daquele regimento e para a qual foram distribuidos convites a todas as autoridades, associações e imprensa, pelo sr. tenente coronel comandante, Custodio Alberto de Oliveira.

Ao acto seguir-se-ão provas na carreira de obstaculos do campo do Côjo e outras festas em que anda empenhado todo o corpo de cavalaria.

Agradecemos o convite que tambem nos foi dirigido.

Caixa Economica de Aveiro

Recebemos o relatorio da gerencia de 1912 désta util instituição local, cuja direcção uma vez mais demonstrou o zelo com que a tem administrado, conservando as suas antigas tradições.

* * *

A proposito vem o referir a resolução tomada pela atual direcção da Caixa Economica, aposentando com o ordenado por inteiro, o sr. Antonio Maria Godinho Soares de Albergaria por virtude dos assinaládos serviços prestados pelo honrado cidadão durante um periodo de mais de 30 anos e no qual deu exuberantes provas de honestidade, honrando assim o seu nome e o do partido legitimista em que esteve sempre filiado desde que entrou na politica.

O sr. Godinho conta atualmente 78 anos de edade e por isso um acto de justiça praticou a direcção da Caixa, fazendo-o substituir sem afectar os interesses que vinha auferindo.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

"O Povo de Basto,,

—=(*)=—

Comemorando o dia da festa municipal em Celorico de Basto onde se publíca sob a inteligente direcção do nosso bom amigo sr. dr. Antonio Rodrigues Salgado, deu-nos este estimado confrade do norte um numero especial com várias gravuras da encantadora vila, colaboração adquada e ainda os retratos do ilustre ministro do Interior, dr. Rodrigo Rodrigues e dr. Daniel Rodrigues, governador civil de Lisboa, que, naturaes de Celorico, ali gosam da mais elevada consideração entre os seus conterraneos devido não só aos primores do seu caracter como ainda ás faculdades intelectuaes de que são dotados todos os membros da respeitavel familia.

E porque ao *Povo de Basto* queremos significar o quanto nos é grato colaborar com tão distinto colega em todas as obras que tendam a levantar o prestigio da Republica e dos seus homens, para éstas colunas trasladâmos as notas biograficas que acompanham os retratos dos notaveis celoricenses a quem presta merecida homenagem, consagrando-lhes as virtudes como cidadãos, como politicos e como funcionários do Estado.

Com licença:

Dr. Rodrigo Rodrigues

«Entre os celoricenses que honram a sua terra pela elevada situação social que ocupam, destaca-se sem dúvida em primeiro logar o sr. dr. Rodrigo Rodrigues, ilustre ministro do Interior. Ainda ha poucos dias tivémos ocasião de prestar homenagem a este nosso valioso conterraneo, que é o primeiro, que nos lembre, a ser chamado a exercer tão alto e prestigioso logar, transcrevendo então do *Mundo* a sua biografia acompanhada de algumas palavras de merecido louvor a quem tantos serviços tem já prestado á Republica e ao País.

O sr. dr. Rodrigo Rodrigues não é dêsses homens que se tenha conseguido impôr pelos seus meios de fortuna, que não tem, ou mercê de intrigas e favoritismos pessoaes, a que é por educação e feitio em absoluto adverso. O sr. dr. Rodrigues deve unicamente ás suas qualidades de inteligencia e de caracter, servidas por invulgares faculdades de trabalho, a situação de destaque em que se encontra.

Medico pela escola de Lisboa onde tirou um curso cheio de classificações, já como estudante o seu espirito se manifestou liberal e republicano. Foi êle o delegado da academia nêsse tempo na célebre luta com o jesuitismo e ordens religiosas, em 1901, presidindo a comicios anti-clericaes e publicando vibrantes manifestos contra a seita de Loiola.

Com Luiz Dérouet e outros fundou a escola republicana 31 de Janeiro, uma das mais florescentes instituições do seu genero. Despachado como alferes medico para o ultramar, prestou assinaládos serviços em Cabo Verde por ocasião da grande crise de fome que ali houve, sendo por isso louvado. Enviado para a India como professor da Escola Medica de Nova Gôa, aí exerceu alguns anos, distintamente o magistério, ao mesmo tempo que era encarregado de várias missões de serviço de saude á India Inglêsa, tendo organisado o primeiro laboratorio de análises naquéla cidade, o *Instituto Pasteur de Nova Gôa*, uma instalação com todos os requisitos cientificos, verdadeiramente modelar, o que determinou ser de novo oficialmente louvado.

Entretanto nunca o sr. dr. Rodrigo Rodrigues deixou de afirmar o seu espirito democrático e anti-clerical contribuindo para o funcionamento do registo civil naquéla reaccionária cidade e dando êle proprio o exemplo fazendo ali registar a sua primeira filha.

Reformado por doença contraída no Ultramar que lhe tornava impossivel a permanencia naquêle prejudicial clima, o sr. dr. Rodrigo Rodrigues regressou ao continente alguns dias após a proclamação da Republica, sendo mais tarde nomeado pelo govêrno provisório para governador civil de Aveiro e mais tarde do Porto.

Da maneira como se houve no desempenho destes altos cargos são prova as manifestações de simpatía que recebeu em ambos os logares sendo ainda hoje lembrado o seu nome com saudade e respeito e tendo procurado as principaes colectividades politicas e comerciaes désta cidade demovel-o do pedido de demissão que apresentou do seu cargo. Filiado no partido republicano português, foi ao organisar-se o primeiro ministério partidário incumbido da dificil pasta do Interior onde mais uma vez se tem brilhantemente afirmado o seu espirito esclarecido, honésto, laborioso e enérgico.

Eis a bréves traços o perfil do ilustre celoricense cujo retrato publicâmos.»

Dr. Daniel Rodrigues

«Foi em Coimbra, nos seus tempos de academico, um dos fundadores de uma associação secréta revolucionária que chegou a ter ramificações por diversas terras. Espirito revoltado contra cértos convencionalismos sociaes, e adversário intransigente da monarquia, combateu-a sempre, colaborando na *Lanterna*, no *País* e no *Mundo*, sucessor dêstes jornaes, e ainda noutros. Por ocasião do centenário garretiano publicou uma vibrante *plaquette* em verso, *Apóstrofe* que mereceu as elogiosas referencias dos jornaes republicanos.

Abrindo banca de advogado em Famalicão o seu espirito livre-pensador suscitou-lhe os ódios do beatério indigena, saíndo dali em 1905, nomeado delegado do então Procurador Régio devido á exclusiva protecção de um seu amigo pessoal.

Sempre coerente com os seus principios republicanos, fomentava por via de seus irmãos a creação da primeira comissão municipal do partido nêste concelho, em 1907, e entre vária colaboração em prosa e verso na imprensa, publicava pouco tempo antes da revolução uma formosa e enérgica poesia *Confraternidade*, dedicada ao soldado cidadão português em que se incitava o exercito a proclamar a Republica. Estabelecido o novo regimen foi logo chamado a desempenhar o seu cargo em Lisboa entrando na organisação dos célebres procéssos crimes do Crédito Predial, e outros em que deu queréla contra antigos monárquicos implicados em grandes escandalos. Trabalhador infatigavel, inteligente e sabedor, mereceu ser promovido por distinção á primeira classe pela maneira com que se houve no exercicio da sua missão e ainda pelos serviços prestados na Comissão Central da Lei de Separação de que é um dos membros. Pertence ao Partido Republicano Português e tendo tomado parte importante em congressos partidários, foi eleito presidente da Comissão Municipal Republicana de Lisboa e com a subida ao poder do ministério atual, foi indicado em reunião magna dos delegados de todas as comissões paroquiaes para exercer o elevado cargo de governador civil de Lisboa, onde tem dado as melhores provas da sua competencia, avultando entre outras a iniciativa déssa generosa obra que foi a creação da Albergaria de Lisboa. Irmão do sr. ministro do Interior, eis o que a seu respeito escreveu um jornal de Lisboa, no aniversário da Lei de Separação:

Conhecemol-o, pessoalmente, apenas ha mezes, acumulando o logar de vogal na Comissão Central da Separação, com o de Delegado no tribunal da Boa Hora. Tinhamos conhecimento da sua valiosissima cooperação ao lado do prestigioso chefe do partido democrático, e estâmos convencidos de ter sido um poderoso auxiliar para que a Lei da Separação fosse o que é, como uma coluna de Hercules para a reivindicação das liberdades pátrias.

*E' um funccionário na magistratura judicial onde simplesmente a tem honrado com o exacto cumprimento dos seus deveres; cidadão probo, espirito liberal e de uma nitida compreensão do que deve ser a Republica Portuguêsa, pelo que, por amor déla, trabalha afanosamente na referida Comissão, de que é um vogol assiduo, enérgico, dedicado propagandista dos principios republicanos, em suma um portuguê*s ás direitas.

Hoje, sem que abandone ésta Comissão, exerce o logar de Governador Civil do distrito de Lisboa, que é da confiança do govêrno, por se reconhecer que poucos como êle atualmente possuiriam competencia, como um autentico republicano, e os requisitos proprios, para, com patriotico e devotado amor pelas instituições, assumir e bem desempenhar-se do cargo de primeiro magistrado do distrito, na capital do país

A' energia do seu caracter tem aliada uma qualidade excelente: a de tornar acessivel a todos, perfeitamente lhano no seu trato, e sempre avêsso á altivez rotineira dos conselheiros de tempos idos.

Em suma, é um jurisconsulto de saber, e dum temperamento para se poder confiar na sua palavra e nos seus actos a bem da Republica.

Assim, é que o conhecemos.

Falta de espaço

Fica-nos por publicar nêste numero bastante original contando-se entre êle a continuação dos artigos—*Para a historia*—aquele outro—*Torpêsas*—e algumas noticias que não perdem a oportunidade.

Só nos contraría a folga que dâmos á corja *liberal* e *democrática* da Vera-Cruz.

Garraiada

Consta-nos que vamos ter no proximo dia 10 uma atraente garraiada na praça de S. Antonio promovida pelo cavaleiro amador Manuel Maria dos Santos Freire, o *Padeiro*, e na qual tomarão parte conhecidos aficionados da arte de Montes.

Não será mau que préviamente seja feita uma vistoría á *praça* a vêr como aquilo está.

Romarías

Prométem ser este ano deslumbrantes os festejos que se realisam á Senhora da La-Saléte, em Oliveira de Azemeis, onde milhares de forasteiros costumam concorrer e os que teem logar em Salreu, concelho de Estarreja, nos dias 13, 14 e 15 do corrente, á Senhora do Monte, cuja afluencia de pessoas désta cidade tambem costuma ser grande.

Sabemos que tanto para uma como para outra romarías haverá passagens no caminho de ferro a preços reduzidos.

A opinião pública em Aveiro não é o *Bébes*, não é o *Bichêsa*, não é o tenente medico miliciano Pereira da Cruz nem tão pouco os *democráticos* pertencentes áquéla familia *de tradições liberaes que não tem manchas no seu passado nem pontos escuros na sua vida*, como imbecilmente um anonimo se atreveu a escrever. Não é éssa gente nem a que sistematicamente se solidarialisa com bebedos e gatunos que fórma a opinião,

tantas vezes invocada pelas gasêtas afectas ás *pessoas de maior respeitabilidade na cidade* quando ao sol lhe põem as pustulas e as apresentam taes quaes são — piolhosas, chaguentas, imoraes. A opinião pública é outra. Pelo menos constituem-na aquêles que, limpos de mãos e de consciencia, se mostram firmes nos seus julgamentos e, sem coacção, apresentam o seu *veredictum*.

Essa é que é a verdadeira. opinião pública; a tal que nem os bebedos nem os gatunos são capazes de reconhecer... por conveniencia propria.

Correspondencia

Não é do sr. Manuel Maria Mendes Leal a correspondencia de Alquerubim publicáda no ultimo numero do *Democrata*, o que duvida alguma temos em declarar.

FOI PENA

Dizem-nos da capital que causou muito transtorno não se ter realisado a anunciada excursão que levaria do Porto a Lisboa um grande numero de admiradores do ilustre ministro das Finanças que o iam felicitar por o equilibrio orçamental. Assim ficou na tinta um alambazadissimo e liberalissimo discurso que um dos oradores inscritos tencionava produzir na sessão solene do *Republica*.

Foi pena, porque equivalia com certêsa a um cartão de empenho para o futuro logar de lente de direito da nova universidade lisboeta.

Pois o *homemsinho* tem éssas aspirações, apesar daquéla cara, daquéla figura e até daquêle monoculo...

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

O *Camalião* não deu conta, désta vez, da passagem em Aveiro do chefe do govêrno, sr. dr. Afonso Costa, que na *gare* da estação foi cumprimentado por um numeroso grupo de seus admiradores.

O motivo todos o sabem: não estivéram lá os modérnos *liberaes democráticos* a sujárem com o seu contácto os manifestantes que de longa data veem saudando o glorioso estadista pelos seus triunfos.

E ainda bem.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 14 de Julho

Terminou a sua publicação no dia 24 de junho ultimo, *O Heraldo*, orgão da colonia portuguêsa, que aqui se publicava diáriamente.

=Parte ámanhã para Portugal em busca de melhoras, o nosso amigo João Simões Duarte, natural de Cacia.

Desejâmos-lhe uma feliz viagem e que em breve recupere a sua saude.

=Apareceu aqui mais uma vez, a variola, que tem produzido alguns estragos, como de costume.

=Foi julgado no dia 7 do corrente um individuo que se achava preso ha 20 anos e que devido aos jurados não terem comparecido ao julgamento, assim se conservou todo esse tempo.

=O govêrno Estadoal, mandou demolir o edificio da Bolsa, situado ao Ver-o-pêso, principiado ha 20 anos, cujas obras não passaram da altura do 1.º andar.

Os trabalhos da demolição foram contratados por 80 contos.

=E' ámanhã que se realizará a sessão da assembléa geral do *Centro Republicano Portuguêa* para eleição da sua nova Directoria.

Fazemos votos para que os eleitos empreguem esforços afim de dar mais vitalidade ao mesmo *Centro* para estimulo dos seus associados.

=A Camâra Portuguêsa do Comercio, tem reunido por diversas vezes afim de tratar dos seus interesses.

=A crise continúa cada vez mais acentuada. Por esse motivo, a falencia de algumas casas tem sido positiva, notando-se grande falta de trabalho, o que muito contribue para a miséria dêste povo.

=A *Liga Portuguêsa de Repatriação* enviou para Portugal, durante o mês de Junho ultimo, nada menos de 14 infelizes, que fôram obrigados,pela força das circunstancias, a recorrer a éssa benemerita sociedade.

E' preciso notar que um grande numero de infelizes não tem sido repatriados por esta não ter tambem recursos para poder repatriar a todos, mas tão sómente os mais necessitados e os que se encontram mais doentes.

Não haverá um meio de impedir a emigração portuguêsa para aqui?

=Continua muito doente, em Soure, para onde foi tratar da sua saude o nosso amigo sr. José Torres Corrêa de Almeida, redactor do *Almeidense*.

Ardentemente desejâmos as suas melhoras.

=No dia 30 de Junho, pôz termo á existencia, por não poder solver os seus compromissos comerciaes, o sr. Narcizo Pieracci, italiano, residente á rua 13 de Maio, 56.

=No dia 25 ainda do mesmo mês de Junho, deu-se aqui um barbaro assassinato, na rua João Balbi n.º 21 aonde residia a portugueza Laura Augusta de Almeida, de 25 anos, divorciada, natural da Senhorinha da freguezia e concelho de Sever do Vouga, districto de Aveiro.

O assassino, que com éla tinha relações, é um rapaz francês de 24 anos, que depois de ter praticado o crime foi entregar-se á prisão.

Pelas 5 horas da tarde dêsse dia o assassino dirigiu-se a casa de Laura e, munido duma pistola, depois de a ter chamado á parte e ter trocado com esta algumas palavras, disparou sobre a infeliz a qual caiu repentinamente no solo, sem vida.

Umas mulheres que se achavam lavando roupa juntamente com Laura ao vêr o criminoso atirando sobre a infeliz companheira, deitaram a fugir, com receio de tambem serem assassinadas.

Laura residia aqui ácêrca de 4 anos, tendo abandonado o marido ha quasi um ano, por este se achar cégo e morfético, passando a viver com o amante que agora a assassinou.

C.

Anadia, 24 de Julho

No proximo passado domingo realisou-se a eleição das diferentes Comissões Paroquiaes Politicas dêste concelho, no *Centro Escolar Democratico* da Malaposta, ficándo assim constituidas:

Freguezia de Ancas

Efectivos— Antonio Rodrigues, Joaquim Viola de Vasconcélos e Julio Cerveira Farate.

Substitutos—José Ferreira Lameirinhas, Bernardo Bouça de Castro e Agostinho dos Santos Laranjo.

Freguezia de Arcos

Efectivos—Adriano Rodrigues Cancéla, Anibal Cruz, Joaquim Marques dos Santos, Isaías Fernando Martins e João Ribeiro.

Substitutos—José Rodrigues Cancéla, Manuel Rodrigues Cancéla, Antonio Rodrigues Povoas, Manuel Ferreira Duque e Abel Maria da Silva.

Freguezia de Avelãs de Caminho

Efectivos-- José Henriques de Oliveira, Maximino Gomes de Figueiredo, Manuel Joaquim Canario, Abilio Henriques Quintas e Albano Ferreira da Silva.

Substitutos — Manuel Joaquim da Fonseca, Manuel Gomes Vieirn Brandão, Armando de Seabra Rangel, Antonio Simões Sucena e Manuel Rodrigues Martins.

Freguezia de Avelãs de Cima

Efectivos — Albano Tomás da Conceição, José Maria Coimbra, José Martins, Bernardino Paulo, e Manuel Ramos do Cruzeíro.

Substitutos—Manuel de Almeida Batista, Lazaro Martins, Manuel Reis, Albino dos Santos e Agostinho Simões da Fonte.

Freguezia de Mogôfores

Efectivos — Antonio Maria Pereira de Souza, José Seabra de Almeida e Manuel Seabra da Cruz.

Substitutos—Antonio Gil da Rocha, Silverio Alves da Cunha e Mateus Francisco Almeida.

Freguezia da Moita

Efectivos—Antonio Augusto dos Santos, Maximino Rodrigues Ferreira, Manuel Martins da Costa, José Maria Neves e José Estevam Cancéla.

Substitutos—Adelino Rodrigues Alegre, Antonio Francisco Moreira, Porfirio Rodrígues Ferreira, Antonio Simões Mélo e Delfim Martins Ferreira.

Freguezia de Sangalhos

Efectivos—Dr. Manuel Joaquim Rodrigues, Bernardo Francisco Godinho, Antonio Henriques Ferreira Duque, José Rodrigues e Miguel Costa.

Substitutos—José Silva de Oliveira, Cezar Ferreira Alves, Albino Rodrigues Pato, Antonio Moreira e Custodio Ramos Tribuna.

Freguezia de S. Lourenço

Efectivos—Antonio Joaquim Cardote, Joaquim Dias Ferreira, Alexandre José de Figueiredo, José Rodrigues da Cruz Junior e Antero Joaquim de Figueiredo.

Substitutos — Martinho Maria da Cruz, Martinho Rodrigues Cosme, Vitorino da Cruz, Adelino Joaquim Marques e João Francisco Castelão.

Freguezia de Tamengos

Efectivos — Fernando Ferreira Jorge, Carlos Ferreira Ruas, Joaquim Pessoa de Campos Junior, Manuel Gomes Rosmaninho e Feliciano Cerveira de Mélo.

Substitulos — Antonio Ferreira Portela, Adelino Duarte Guilherme, José Rodrigues Pereira, Albino Gomes Rosmaninho e Vitorino Ferreira Barandas.

Freguezia de Vila Nova

Efectivos — Antonio Cerveira Cabeço, Antonio Ferreira Lopes, Antonio Henriques de Carvalho, Manuel Esteves e José Leal.

Substitutos—José Ramos Junior, Basilio Rodrigues de Figueiredo, Francisco da Cruz, José Ferreira Dias Lebre e Manuel José Duarte.

Freguezia de Vilarinho

Efectivos—Manuel Marques de Vasconcélos, João Francisco Pereira, Joaquim Ferreira Gomes de Oliveira, José Joaquim Marques e Manuel Martins Barrêto.

Substitutos—Joaquim Rodrigues dos Santos, Abilio Moreira dos Santos, Antonio José de Almeida, Antonio Ferreira da Costa e Carlos Joaquim Pires.

Apenas ficou por eleger a Comissão Paroquial de Ois do Bairro, por não ter comparecido numero suficiente de eleitores pelo que só mais tarde se procederá a essa eleição.

C.

Peça de ouro

Perdeu-se uma. Quem a tivésse achado e a queira entregar nésta redacção, receberá alviçaras.

C.

Anuncios

Citação edital

(2.ª PUBLICAÇAO)

Por este juizo, escrivão Marques, correm éditos de 30 dias a contar da 2.ª e ultima publicação dêste anuncio, citando o co-herdeiro José Luís Ferreira de Abreu, solteiro, maior, de Eixo, ausente em parte incerta do Brazil, para todos os termos do inventario orfanologico a que se procede por obito de seu pae João Luís Ferreira, morador, que foi, em Eixo, désta comarca, em que é cabeça de casal a viuva Rita Dias Vieira. Artigo 696 § 3.º do Codigo do Processo Civil.

Aveiro, 21 de Julho de 1913.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão,

Francisco Marques da Silva.

Edital

André dos Reis, bacharel formado em direito e presidente da Comissão Administrativa dos Bens do Estado no concelho de Aveiro

Faço saber que no dia 17 do corrente, por 12 horas, no edificio da Administração dêste concelho, na praça Marquês de Pombal désta cidade, se hade proceder, em hasta pública, ao arrendamento dos seguintes bens situados nas freguezias de

Arada

Passal junto á Quinta da Boa Vista —Base da licitação, 40$50. (*a*) Casa de residencia paroquial. Base da licitação, 12$50. (*a*) Terreno de horta junto áquéla residencia — Base da licitação, 4$90.

Cacia

Todo o passal, casa de residencia paroquial em ruinas e quintal anexo. Base da licitação, 69$00.

Eirol

Quintal anexo á residencia paroquial. Base da licitação, 16$25.

Esgueira

Casa de residencia paroquial. Base da licitação, 24$00. Quintal anexo a osta, base da licitação, 1$50.

Oliveirinha

Casa da residencia paroquial. Base da licitação, 15$50. (*a*) Quintal anexo a esta. Base da licitação, 12$90.

Requeixo

Quintal anexo á residencia paroquial. Base da licitação, 8$50.

Condições

a) O arrendamento é feito por um ano. Para os bens supra referidos, e que têm a nota (*a*), o arrendamento começa em 1 de dezembro de 1913, finalisando em 30 de novembro de 1914. Para os outros, começará em 1 de outubro de 1913 e findará em 30 de setembro de 1914.

b) A renda anual será paga á Comissão Concelhia de Administração durante o mês de setembro de 1914.

c) O arrendatário dará fiador idóneo ao contracto no acto da arrematação.

d) O arrendatário poderá, findo o arrendamento, e em ocasião de nova hasta pública, usar do direito de opção.

e) Fica expressamente proíbida a sublocação do prédio arrendado, quer no todo, quer em parte.

f) Todas as bemfeitoras, ainda que consentidas legalmente, ficam pertendo ao Estado, sem direito a indemnisação, qualquer que seja a naturêsa délas.

g) O arrendatário não poderá cortar arvores ou fazer quaesquer modificações nos predios arrendados sem autorisação da Comissão.

Aveiro, 1 de Agosto de 1913.

André dos Reis

Anuncio

Pelo Juizo de Direito désta comarca e cartório do escrivão do 4.º oficio--Flamengo, correram seus termos uns autos de acção especial de divorcio em que foi autor Manuel Vieira Dionizio, casado, proprietario, morador no logar e freguezia de Nariz, désta comarca, e ré sua mulher Clara Vieira de Carvalho, proprietaria, residente na mesma freguezia.

E nésta acção foi decretado o divorcio entre os conjuges, por sentença de cinco do corrente, que transitou em julgado.

O que se anuncia para os efeitos legaes, nos termos do artigo dezenove do Decreto de tres de novembro de mil nove centos e dez.

Aveiro, 22 de julho de 1913.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 4.º oficio

João Luiz Flamengo